

SEÇÃO: ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA MODERNA

O INCONSCIENTE SOCIOLÓGICO: ÉMILE DURKHEIM, CLAUDE LÉVI-STRAUSS E PIERRE BOURDIEU NO ESPELHO DA FILOSOFIA

The sociological unconscious: Émile Durkheim, Claude Lévi-Strauss, and Pierre Bourdieu in the Mirror of Philosophy

Geoffroy de Lagasnerie¹

geoffroydelagasnerie@gmail.com

Tradução de:

Gustavo Ruiz da Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-1149-5411>

Email: ra00200135@pucsp.edu.br

Mariana Slerca³

<https://orcid.org/0000-0001-7303-9289>

Email: marislerca@gmail.com

Resumo: Não basta constatar que Emile Durkheim, Claude Lévi-Strauss e Pierre Bourdieu receberam uma formação filosófica sem nunca deixarem de afirmar, em termos de surpreendente proximidade, que escapar da filosofia ou que romper com as formas do pensamento filosófico era condição de possibilidade de toda pesquisa nas ciências humanas e sociais, sem questionar se não haveria uma relação direta entre o *ethos* sociológico e um tipo de conexão com a filosofia. A "ruptura" com a filosofia nunca é, de fato, total: a imagem que os sociólogos têm da sociologia, pelo contrário, é fortemente dependente da imagem negativa que têm da filosofia, que sempre invocam, como um repelente ou um espectro que deveria esforçar-se para afastar. A percepção sociológica da filosofia constitui, portanto, um sistema de oposições, um conjunto de gostos e aversões profundamente enraizados nas mentes dos praticantes das ciências humanas e sociais – e que estão, por assim dizer, no próprio fundamento da disciplina e da definição que ela dá a sua identidade. Ao reconstruí-lo, este artigo propõe uma análise sociológica da gênese, estrutura e função do inconsciente sociológico.

Abstract: We cannot simply observe that Emile Durkheim, Claude Lévi-Strauss, and Pierre Bourdieu all received philosophical training and subsequently asserted, in surprisingly similar terms, that escaping from

¹ Doutor em Sociologia pela *École Des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS).

² Doutorando em Filosofia pelas Universidades de Warwick e Universidade Monash.

³ Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

philosophy or breaking away from philosophical modes of thought was a necessary condition for any research in the human and social sciences, without considering whether there might be a direct relationship between the sociological ethos and a particular attitude towards philosophy. The "rupture" with philosophy is never complete: the sociologists' conception of sociology is, on the contrary, heavily influenced by the negative image they have of philosophy, which they always invoke as something to be avoided or a specter that must be exorcised. The sociological perception of philosophy thus constitutes a system of oppositions, a set of likes and dislikes deeply ingrained in the minds of practitioners in the human and social sciences, and which, so to speak, form the very foundation of the discipline and its definition of its identity. By reconstructing it, this article proposes a sociological analysis of the genesis, structure, and function of the sociological unconscious.

1 Introdução

Em várias ocasiões, em textos de registros muito diversos, Pierre Bourdieu ironiza os filósofos que, ao falarem de sua obra, recuperam espontaneamente as oposições construídas por Bergson contra Durkheim e que, dessa forma, reproduzem, sem saber, uma cena já há muito tempo escrita. Ele vê nisso o sinal de uma espécie de atemporalidade do inconsciente filosófico, esse sistema de categorias de pensamento que presidiu – e ainda preside – as relações dos filósofos com as ciências humanas e sociais.

No entanto, seguindo o exemplo do que ele chama de “lucidez parcial”, isto é, essas perspectivas cegas do ponto de vista a partir do qual se enunciam (BOURDIEU, 1984, pp. 296), seu trabalho de objetivação da filosofia oculta e negligencia o fato de que ele também reproduz uma cena já antiga: o posicionamento contrário à filosofia que assume Durkheim.

Perfeita recíproca da análise filosófica da sociologia, a análise sociológica da filosofia nunca questiona suas próprias categorias de pensamento: ela economiza igualmente uma reflexão sobre o ponto de vista a partir do qual é engendrado, sobre a relação dos sociólogos com a filosofia e sua história, isto é, sobre o que podemos chamar de inconsciente sociológico.

No entanto, a persistência ao longo do tempo dessa relação entre filósofos e a sociologia só foi possível pela persistência da mesma relação entre sociólogos e a filosofia. O inconsciente filosófico é uma figura solidária, mas inversa, do inconsciente sociológico.

2 Reflexividade em questão

Evidenciar sociologicamente o inconsciente sociológico supõe romper com o conjunto de crenças, categorias de pensamento e instrumentos conceituais que costumam definir a sua prática. Porque se a sociologia da sociologia não questiona suas evidências quando busca

se autoanalisar, se o sociólogo não se autodestrói como sociólogo quando tenta objetivar a si mesmo, então sua obra ficará presa no paradigma do qual deveria se afastar: qualquer trabalho de reflexividade que não comece, que não seja inaugurado por um gesto de separação de si mesmo, por uma crítica radical da posição sociológica e de tudo que a define, é de fato condenado, por uma espécie de necessidade lógica, a ratificar o que deveria ser examinado, a pôr em prática o que estava para ser questionado, de naturalizar o que teria que historicizar – enfim, de *re-instituir* o inconsciente disciplinar que funda a própria disciplina⁴.

Isso significa que, um pouco à imagem do que Durkheim chamou de “corroborar” em *As formas elementares da vida religiosa* – aqueles momentos de efervescência durante os quais os membros de uma tribo se reúnem para estimular e aquecer seu sentimento de pertença a um mesmo grupo –, pode-se perguntar se o que os sociólogos invocam sob o nome de reflexividade (embora talvez isso se aplique a toda reflexividade) não teria, em última instância, a função objetiva de restaurar os estados vigorosos da consciência coletiva dos sociólogos, reafirmando – de forma latente e sob uma aparência crítica, e portanto com eficácia formidável – todas as representações e crenças constitutivas do pertencimento à comunidade sociológica.

3 Escape da filosofia

As ciências sociais se afirmam ao se oporem à filosofia. Emile Durkheim, Claude Lévi-Strauss e Pierre Bourdieu nunca deixaram, em termos notavelmente próximos, de insistir no fato de que fugir da filosofia, ou romper com as formas do pensamento filosófico, constituía a condição de possibilidade de toda pesquisa nas ciências humanas e sociais. Durkheim efetivamente escreveu: “Temos nos empenhado, pelo método, em tirar a sociologia de uma tutela filosófica que só poderia impedir sua constituição como uma ciência positiva”⁵

⁴ Da mesma forma, toda sociologia da filosofia que não se baseia em uma crítica do inconsciente sociológico está condenada a não ser nada além de uma expressão do ponto de vista particular da sociologia sobre a filosofia. Boa parte dos trabalhos que se apresentam como uma “sociologia da filosofia” são tão fortemente baseadas no inconsciente sociológico, e se estabelecem tão ingenuamente na evidência de sua disciplina, que todo o seu projeto consiste em perguntar por que os filósofos não fazem sociologia, um fenômeno ao qual eles só podem encontrar razões negativas, como a busca por superioridade, aristocratismo, recusa de trabalho concreto, etc. Sob o pretexto de analisar sociologicamente a filosofia, esses “sociólogos” não fazem nada além de expressar os gostos e desgostos aos quais seu inconsciente parece predestinar.

⁵ Original: « *Nous nous sommes efforcés, par méthode, de soustraire la sociologie à une tutelle philosophique qui ne pouvait que l’empêcher de se constituer comme science positive* ».

(DURKHEIM, 1975, pp. 185), de modo que, segundo ele, “se a sociologia quiser viver, terá que renunciar ao caráter filosófico que deve à sua origem e se aproximar das realidades concretas por meio de pesquisas especiais”⁶ (DURKHEIM, 1975, pp. 161). Da mesma forma, Lévi-Strauss afirmou que a antropologia, como ele a “praticou”, levaria à “renúncia do que se entende por filosofia”⁷ (LÉVI-STRAUSS, 1971, pp. 570). Além disso, é em nome dessa heterogeneidade entre antropologia e a filosofia que ele sempre exerceu uma recusa violenta à leitura filosófica de suas obras: Lévi-Strauss qualifica, por exemplo, como “farsa” o “escrutínio de [seus] textos com um cuidado que seria melhor justificado se fossem de Spinoza, Descartes ou Kant”⁸ (apud. DELRUELLE, 1989, p. 17).

Por fim, Pierre Bourdieu também declara que “a realização de uma verdadeira pesquisa científica requer que saibamos como nos livrar de todos os hábitos de pensamento aos quais estão vinculados os atributos de grandeza e profundidade”⁹ de “heroísmo filosófico”. E disse ainda: “Muitas vezes me defini, provavelmente de forma um tanto irônica, como o líder de um movimento pela libertação das ciências sociais contra o império e as garras da filosofia”¹⁰ (BOURDIEU, 2001, pp. 198).

4 Percepção sociológica da filosofia

A filosofia constitui aquilo contra o qual, em ruptura com o qual, a sociologia se define e tenta estabelecer sua própria identidade. É por isso que a percepção sociológica da filosofia não é uma questão local ou regional: ela exprime um inconsciente geral, um sistema de oposições, um conjunto de gostos e aversões profundamente enraizados nas mentes dos praticantes das ciências humanas e sociais. Esses sentimentos estão no cerne da disciplina, sendo justo afirmar que a unidade dela reside, de certa forma, nessa hostilidade comum e nessa oposição compartilhada à filosofia.

⁶ Original: « *Si la sociologie veut vivre, elle devra renoncer au caractère philosophique qu'elle doit à son origine et se rapprocher des réalités concrètes au moyen de recherches spéciales* ».

⁷ Original: « *abjuration de ce que l'on entend par philosophie* ».

⁸ Original: « *scruter [ses] textes avec un soin qui se justifierait mieux s'ils provenaient de Spinoza, Descartes ou Kant* ».

⁹ Original: « *la conduite d'une véritable recherche scientifique demande que l'on sache se défaire de toutes les habitudes de pensée auxquelles sont attachés les attributs de la grandeur et de la profondeur* ».

¹⁰ Original: « *Je me suis souvent défini, sans doute de façon un peu ironique, comme leader d'un mouvement de libération des sciences sociales contre l'empire et l'emprise de la philosophie* ».

Ao contrário da sociologia, a filosofia seria uma disciplina “abstrata”, “conceitual”, “especulativa”, que só se interessaria por “textos”, “conceitos”, “ideias”. Em contrapartida, a sociologia aparece, ao contrário, como um exercício “concreto”, “prático”, “empírico” que, sempre ancorado no “trabalho de campo”, se interessa por “coisas”, “fatos”, “realidade”.

Durkheim afirma, em *As formas elementares da vida religiosa*, que as “generalizações” filosóficas, que não se apoiam em nenhum caso concreto, “perdem-se no vácuo” (DURKHEIM, 2003, pp. 594). Desvinculadas da prática, da realidade, elas “flutuam” e, portanto, ao contrário da sociologia, são “especulativas demais para exercerem muitas ações”¹¹ (DURKHEIM, 1992, pp. 67). O pensamento filosófico, segundo Durkheim, seria fundamentalmente um pensamento autista, recorrendo sempre à “introspecção”. Vai das “ideias às coisas, não das coisas às ideias”¹² (DURKHEIM, 1996, pp. 16) – e, portanto, “em vez de ser uma ciência da realidade, não passa de análises ideológicas”¹³ (DURKHEIM, 1996, pp. 15). Em última análise, a reflexão nada mais é do que uma “logomaquia mais ou menos oratória”¹⁴ (DURKHEIM, 1996, pp. 33). São sempre as “sensações pessoais e a imaginação do autor”¹⁵ que têm a última palavra (DURKHEIM, 1975, pp. 181) – de modo que a filosofia é, antes de tudo, para Durkheim, uma atividade “sentimental” e “artística” (DURKHEIM, 1992, pp. 67).

Encontra-se exatamente essa mesma percepção da filosofia como “logomaquia oratória” em Lévi-Strauss: “Vejo, diz ele, um sério perigo em confundir o progresso do conhecimento com a crescente complexidade das construções mentais”¹⁶ (LÉVI-STRAUSS, 2008, pp. 39). Lévi-Strauss afirma que a filosofia é apenas “uma espécie de contemplação estética da consciência por si mesma [...]. O significante não se relaciona com nenhum significado, não [há] mais referente”¹⁷ (LÉVI-STRAUSS, 2008, pp. 40). Da mesma forma, escreve o antropólogo dos textos filosóficos:

¹¹ Original: « *trop spéculatives pour exercer beaucoup d'actions* ».

¹² Original: « *idées aux choses, non des choses aux idées* ».

¹³ Original: « *au lieu d'une science de la réalité, nous ne faisons plus qu'une analyse idéologique* ».

¹⁴ Original: « *logomachie plus ou moins oratoire* ».

¹⁵ Original: « *sensations personnelles et l'imagination de l'auteur* ».

¹⁶ Original: « *J'aperçois, dit-il, un péril grave à confondre le progrès de la connaissance avec la complexité croissante des constructions de l'esprit* ».

¹⁷ Original: « *une sorte de contemplation esthétique de la conscience par elle-même [...]. Le signifiant ne se rapport[e] à aucun signifié, il n'y [a] plus de référent* ».

Esses exercícios tornam-se rapidamente verbais, a partir de uma arte do trocadilho que toma o lugar da reflexão; as assonâncias entre os termos, as *homofonias* e as ambiguidades vão fornecendo aos poucos matéria para dramas especulativos, cuja engenhosidade distingue os bons trabalhos filosóficos¹⁸ (LÉVI-STRAUSS, 2008, pp. 39).

Pierre Bourdieu também expressará muitas vezes esta representação da filosofia como uma disciplina que, recusando, em nome da busca aristocrática de “ascensão” e de “elegância”, as “restrições” da “ciência” são semelhantes a um jogo “gratuito”, “frívolo” ou mesmo “irresponsável”. A filosofia não privilegia o trabalho – mas a “transgressão”, a “audácia”, o “refinamento” infinito (Bourdieu chega a usar a metáfora da “dança nietzschiana”).¹⁹ E, no seu artigo intitulado *Censure et mise en forme*, no qual busca compreender de que maneira “a própria estrutura do campo filosófico rege a expressão regulando tanto o acesso à expressão como a forma de expressão”²⁰, ele também redescobre espontaneamente as fórmulas de Durkheim sobre a filosofia como arte oratória: “O imaginário filosófico [...], como o pensamento mítico, encanta-se quando a relação *puramente linguística*, materialmente atestada pela *homofonia*, se sobrepõe a uma relação de sentido”²¹ (BOURDIEU, 2001, pp. 343-377).

Assim, prisioneiros das esferas elevadas e altivas onde se enclausuraram, os filósofos não se dignariam a enfrentar a realidade, a verdadeira, que não lhes inspiraria – da mesma forma que a ciência da realidade e suas “realizações” – senão “nojo” e “desprezo”. Sua disciplina seria uma atividade essencialmente abstrata e dialética que, ao contrário da ciência, não constituiria um trabalho real, mas uma simples atividade "sentimental", narcisista, demandando nada mais do que a inspiração e a elaboração de sentimentos ou impressões pessoais.

Empreendimento de “autoadmiração”, autoexpressão cujo único suporte seria o texto e a única matéria a linguagem, a filosofia seria reduzida a um gigantesco jogo de palavras,

¹⁸ Original: « *Ces exercices deviennent vite verbaux, fondés sur un art du calembour qui prend la place de la réflexion ; les assonances entre termes, les homophonies et les ambiguïtés fournissant progressivement la matière de ces coups de théâtre spéculatifs à l'ingéniosité desquels se reconnaissent les bons travaux philosophiques* ».

¹⁹ NT: Os termos utilizados pelo autor no texto original foram: « *hauteur* », « *chic* », « *contraintes* », « *science* », « *gratuit* », « *frivole* », « *irresponsable* », « *transgression* », « *audace* », « *raffinement* ».

²⁰ Original: « *structure même du champ philosophique régit l'expression en régissant à la fois l'accès à l'expression et la forme de l'expression* ».

²¹ Original: « *L'imagination philosophique [...], comme la pensée mythique, s'enchanté lorsque la relation purement linguistique, matériellement attestée par l'homophonie, se superpose à une relation de sens* ».

um exercício fútil: a filosofia é “sentimental e artística”, dirá Durkheim, as declarações filosóficas são “nuvens”, “sensuais e decorativas” (LÉVI-STRAUSS, 1971, pp. 573), dirá Lévi-Strauss, os filósofos são “estetas” (BOURDIEU, 2004, pp. 106, até mesmo “pensadores poetas” (BOURDIEU, 2004, pp. 42), dirá, por sua vez, Bourdieu.

5 A estrutura do inconsciente sociológico

Relacionar diretamente a forma das oposições que estruturam o inconsciente sociológico com as propriedades objetivas de Durkheim, Lévi-Strauss e Bourdieu constituiria, sem dúvida, uma tarefa bastante arriscada e potencialmente bastante redutora.

Mas podemos, no entanto, notar – porque sem dúvida não é inteiramente por acaso – que Durkheim, Lévi-Strauss e Bourdieu atribuem à filosofia todas as características tradicionalmente associadas ao feminino: a filosofia se opõe à sociologia como o “casual” ao “sério”, a “fábula” ou o “mito” à “razão”, a “futilidade” ao “trabalho”, o “mole” ao “duro”, o “irracional” ao “racional”... A filosofia, portanto, aparece como disciplina feminina, afeminada, quando a ciência, empreendimento viril, seria obra de gente que *verdadeiramente* trabalha, em contato com a realidade, sem ceder ao “sentimentalismo” ou ao “estetismo”.

O inconsciente sociológico é estruturado como um inconsciente mediterrâneo. Nesse contexto, a luta sociológica contra a filosofia, marcada pelo embate entre a “ciência” e o “polo literário”, não parece se configurar como uma defesa, no âmbito da teoria e do pensamento, dos valores masculinos em oposição aos valores femininos²²?

Entretanto, esse não-pensamento é igualmente atravessado por percepções de classe e se, além disso, for verdade que, como Pierre Bourdieu demonstrou, “a oposição entre as classes populares e a classe dominante é organizada de forma análoga à oposição entre o masculino e o feminino”²³ (BOURDIEU, 1979, pp. 445), a feminização da filosofia também poderia aparecer como uma ilustração desse inconsciente social que está subjacente ao inconsciente das ciências sociais²⁴. Pois, não há, de fato, uma forma típica de expressão dos

²² Assim, em *Tristes tropiques*, Lévi-Strauss fala do existencialismo como uma “metafísica para costureirinhas”.

²³ Original: « *l'opposition entre les classes populaires et la classe dominante s'organise par analogie avec l'opposition entre le masculin et le féminin* ».

²⁴ Não é surpreendente olhar para a maneira com que as oposições constituintes do inconsciente sociológico podem às vezes estruturar inteiramente um texto, como nesse caso, por exemplo, a passagem dedicada por Pierre Bourdieu, em *Esquisse pour une auto-analyse*, à Canguilhem – que compartilha com ele, e isso não é uma

Intuitio, Chapecó-SC, v. 16, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023 (p. 7)

valores de “esforço”, “trabalho”, “rigor”, “austeridade”, que os dominados opõem à “facilidade” parisiense e aos “refinamentos” burgueses nas distinções feitas pelos sociólogos entre “modéstia científica” e “elitismo” filosófico, “prudência” e “profetismo”, erudição e diletantismo, o *enraizamento* na história e o *fetichismo* de *ideias* e essências eternas, corpo ou matéria e espírito etc.²⁵?

Em suma, um conjunto abrangente de esquemas sociais que moldam a percepção e a organização do mundo subjaz ao inconsciente sociológico. De modo que poderíamos nos perguntar se, no fundo, as polêmicas entre filósofos e sociólogos – que sempre se apresentam como debates de natureza teórica ou epistemológica – não são em última instância sobredeterminadas por questões sociais – e éticas. Ou seja, se não são modos diferentes de ser e de pensar, modos diferentes de conceber a vida intelectual e o trabalho teórico, intrinsecamente ligados às diferenças de origens, classes, regiões, gêneros, sexualidades etc., que, nesses confrontos, opõem-se, enfrentam-se e se definem mutuamente um contra o outro.

6 Repensar o inconsciente

Porque, no pensamento das ciências sociais e da psicanálise, o inconsciente é quase sempre concebido de forma negativa – trata-se sempre de se libertar dele, de controlá-lo, de neutralizá-lo – e por ele constituir um dos nomes dados às censuras e aos limites que engendram o fato de ocupar uma determinada posição no espaço social e de ser necessariamente um prisioneiro deste ponto de vista específico, será sem dúvida tentador ver nesta análise do inconsciente sociológico uma espécie de crítica da sociologia (a sociologia do inconsciente filosófico sempre se apresentando assim) ou, em todo caso, um destaque de algumas de suas fraquezas ou impasses.

mera coincidência, uma origem provincial e modesta: Marcado pela tradição de uma região e de um ambiente onde, como evidenciado pela vibração da voz ou a dureza do olhar, o corpo é sempre engajado, ele não estava tão disposto a entrar nos jogos livres do pensamento irresponsável, aos quais alguns indentificam à filosofia ou na exaltação mística-literária hölderlin-heideggeriana que encanta pensadores poetas (BOURDIEU, 2004, pp.42).

²⁵ Enquanto Claude Lévi-Strauss viveu seus anos de juventude em Paris, Durkheim e Bourdieu são ambos de origem provincial: vindos respectivamente de Vosges e Béarn. Mesmo assim, os três vieram das classes trabalhadoras ou da pequena burguesia: Bourdieu é filho de um carteiro, filho de um agricultor, a quem ele descreveu como um “pobre pequeno funcionário” (BOURDIEU, 2004, pp. 110); Lévi-Strauss de um pintor que se “debatia em dificuldades materiais” (LÉVI-STRAUSS, 1988, pp.12) e Durkheim de um rabino de Epinal em cuja casa reinou, de acordo com seu biógrafo, “austeridade mais do que opulência” (FOURNIER, 2007, pp.29).

Não é o caso: o inconsciente sociológico é um inconsciente positivo, criativo. Foi ele, de certa forma, que possibilitou as obras de Durkheim, Lévi-Strauss e Bourdieu: não impôs sua visão de fora ou estabeleceu limites às suas análises. Pelo contrário, foi um contexto produtivo, um dispositivo intrínseco à elaboração de suas obras. A rejeição ou aversão à filosofia é aquilo a partir do qual eles se tornaram sociólogos ou etnólogos, aquilo em função do qual definiram seu projeto.

Nesse sentido, não podemos separar, no pensamento, as visões de um lado e a cegueira de outro, as afirmações positivas de um lado e os limites inconscientes do outro. Pelo contrário: existe uma profunda solidariedade entre todos esses elementos. É por isso que se pode concordar com Claude Lévi-Strauss (apud. DELRUELLE, 1989, pp. 138) quando ele ficou surpreso por ser criticado por "fazer um uso tão casual da filosofia"²⁶. Pois, segundo ele, seria melhor "perguntar *por quê*": aquilo que se apresenta como um pressuposto, um freio, deve sempre ser visto, para usar uma frase de Jacques Derrida, como um "amortecedor *indispensável* da aceleração"²⁷ (DERRIDA; ROUDINESCO, 2001, pp.29) .

Mas se Durkheim, Lévi-Strauss e Bourdieu souberam fazer uso criativo do inconsciente sociológico, não devemos esquecer que também existem usos normativos, limitantes e anti-criativos desse inconsciente (tanto hoje como ontem). E tudo sugere, mas essa é outra questão, que a sociologia em geral, e a sociologia crítica em particular, só pode realmente se reinventar se conseguir reinventar uma nova forma de perceber a filosofia e se relacionar com ela. Ir além da lucidez parcial permitiria restabelecer um diálogo fecundo entre as disciplinas, ou melhor, entre as partes criativas e vanguardistas de cada uma das disciplinas, em vez de reencenar indefinidamente o mesmo conflito entre faculdades.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Censure et mise en forme in Langage et pouvoir symbolique**. Paris, Point-Seuil, 2001.

_____. **Esquisse pour une auto-analyse**. Paris, Raisons d'Agir, 2004.

_____. **Homo Academicus**. Paris, Minuit, 1984.

_____. **La Distinction. Critique sociale du jugement**. Paris, Minuit, 1979.

²⁶ Original: « *faire de la philosophie un usage aussi désinvolte* ».

²⁷ Original: « *amortisseur indispensable de l'accélération* »

_____. **Science de la science et réflexivité**. Paris, Raisons d'Agir, 2001.

DELRUELLE, Edouard. **Lévi-Strauss et la philosophie**. Bruxelles, De Boeck-Wesmael, 1989.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De quoi demain....** Paris,

DURKHEIM, Emile. **Le Socialisme**. Paris, PUF-Quadrige, 1992.

_____. **Les Formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris, PUF-Quadrige, 2003.

_____. **Les Règles de la méthode sociologique**. Paris, PUF-Quadrige, 1996.

_____. **Sociologie et philosophie** in *Textes*. Paris, Minuit, 1975.

Fayard, 2001.

FOURNIER, Marcel. **Emile Durkheim (1858-1917)**. Paris, Fayard, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **L'Homme nu**. Paris, Plon, 1971.

_____. **Tristes tropiques** in *Oeuvres*. Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2008.

_____; ERIBON, Didier. **De près et de loin**. Paris, Odile Jacob, 1988.

Recebido em: 26/05/2023
Aprovado em: 13/11/2023
Publicado em : 20/12/2023